

**GÊNEROS DIGITAIS:
POSSÍVEL FERRAMENTA
PARA A PROMOÇÃO DA LEITURA¹¹⁷**

Auxiliadora Carvalho da Rocha – (UFAC)

auxiliadora_k@hotmail.com

Isabel Goulart Simonete (UFAC)

isa.belzinha@hotmail.com

Maria Expedita Fontenele Alves (UFAC)

expedit@hotmail.com

Tatiane Castro dos Santos (UFAC)

RESUMO

Diante da invasão das novas tecnologias de comunicação e informação a instituição educacional compreendeu que é necessário repensar as antigas práticas pedagógicas, uma vez que esse novo modelo de sociedade possui distintas formas de comunicação, interação e aprendizagem. Os educandos têm acesso às informações de maneira mais rápida e dominam diversas tecnologias digitais que se mostram, na maioria das vezes, mais interessantes que as atividades pedagógicas dispostas em sala de aula. Frente a essa realidade, despertar no sujeito o interesse pela escola e torná-lo um leitor proficiente é o grande desafio enfrentado pelo sistema educacional. Nesse contexto, é imperioso utilizar esses recursos tecnológicos em prol da melhoria educacional, sendo assim, ressaltamos o emprego dos gêneros digitais como forma de aproximar o aluno da prática de leitura. Dessa forma, o referido estudo irá abordar os gêneros digitais enfatizando as contribuições e as possibilidades de aplicação em sala de aula. Autores como Marcuschi (2001); Xavier (2005); Coscarelli (2007) serviram de base para a fundamentação da pesquisa buscando debater alguns questionamentos acerca dos gêneros digitais e a sua aplicabilidade no ensino de língua portuguesa.

Palavras-chave: Tecnologia. Gênero digital. Leitura.

1. Introdução

No cenário escolar, ainda são recorrentes as dificuldades encontradas na promoção da competência leitora dos educandos e nas práticas convencionais utilizadas nas escolas para o desenvolvimento desta. Nesse sentido, optamos por elaborar um estudo que viesse propor novas formas de leitura e escrita na sala de aula que realmente possa despertar a

¹¹⁷ Uma versão deste trabalho foi apresentada no Congresso Internacional "Português – Língua do Mundo", na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na primeira semana de novembro de 2014.

atenção do aluno, uma vez que este está diante de uma invasão de novas tecnologias de comunicação, sendo, imprescindível utilizar esses recursos tecnológicos em prol da melhoria educacional.

Sendo assim, ressaltamos nessa pesquisa o emprego dos gêneros digitais como forma de aproximar o aluno da prática de leitura enfatizando as contribuições e as possibilidades de aplicação em sala de aula, uma vez que despertar o aluno para a prática de leitura tem sido o grande desafio dos professores de língua materna. Assim os novos gêneros textuais que vem surgindo na sociedade a cada dia pode tornar-se uma importante ferramenta no caminho da promoção da leitura e letramento dos educandos.

Na oportunidade apresentaremos também alguns gêneros digitais possíveis de serem trabalhados na sala de aula, como o blog, o e-mail, o fórum, os hipertextos entre outros. Destacaremos sua finalidade social dentro de uma perspectiva didática e representativa do seu cotidiano, bem como o papel do professor nesse processo, visto que este é peça indispensável no desenvolvimento das etapas dessas novas formas de se ler.

2. As novas tecnologias e o ensino

As evoluções tecnológicas trouxeram inúmeras mudanças ao modo de se relacionar com as pessoas. As informações são repassadas cada vez mais rápidas. O conhecimento poder ser transmitido a inúmeras pessoas e em lugares diferentes ao mesmo tempo. Todas essas modificações impulsionaram mudanças em todos os meios sociais. A tecnologia da informação e da comunicação está trazendo mudanças importantes não apenas no mercado de trabalho, mas também nas práticas de leitura e escrita (FERRERO, 2008). Diante disso, a escola não pode negligenciar as mudanças que vêm sendo realizadas a partir das tecnologias de informação e de comunicação (TIC). Tais tecnologias dizem “respeito aos recursos tecnológicos que permitem o trânsito de informações, que podem ser os diferentes meios de comunicação” (PCN, 2008, p. 135). Essas tecnologias englobam a televisão, o rádio, a câmera, o computador, a internet, entre outros.

Mediante a essas inovações tecnológicas a escola busca melhorar a qualidade do ensino disputando, muitas vezes, com recursos mais atraentes presentes fora do ambiente escolar. Felizmente, as TIC vêm ga-

nhando um espaço privilegiado no cenário educacional, uma vez que, é capaz de transmitir conhecimentos aos lugares mais distantes e distintos do país, como afirma Serres (1994), “até agora existiam lugares de saber, um campus, uma biblioteca, um laboratório [...] Com os novos meios é o saber que viaja” (SERRES, 1994, p. 134). Em muitas situações de aprendizagem o espaço físico da sala de aula perdeu lugar para os ambientes virtuais de aprendizagem. Tal situação não é apontada como um ponto negativo, mas como uma possibilidade do conhecimento atingir um maior número de pessoas que por variadas razões não podem frequentar o espaço físico da escola e que hoje tem a oportunidade de fazer uso da tecnologia.

Diante disso, pode-se afirmar que a partir dos avanços tecnológicos surgiu uma nova maneira de ensinar e de aprender. O ensino não pode restringir-se ao ambiente fechado da sala de aula e muito menos a um único recurso didático, mas deve explorar novas possibilidades, diferentes lugares e distintas ferramentas. Isso aplica-se também ao aprendizado, aprender e ensinar hoje configura-se mudar estratégias constantemente, partilhar experiências e aprendizagem em diversos lugares e com pessoas nunca vistas. Exigências antes desnecessárias, hoje são imperiosas, foram impostas pela revolução tecnológica e uma delas é a maneira do professor fazer uso dessas tecnologias em sala de aula, desafio este, que a escola enfrenta atualmente.

3. O papel do professor frente aos desafios das tecnologias

As constantes evoluções das tecnologias ocasionam mudanças significativas no meio social que, por sua vez, afetam diretamente o ambiente escolar. Belloni (2001) apresenta uma reflexão respeitável ressaltando acerca das influências dos recursos tecnológicos no ambiente escolar. O referido autor assevera que, “do livro e do quadro de giz à sala de aula informatizada e on-line, a escola vem dando saltos qualitativos, sofrendo transformações [...] talvez sejamos os mesmos educadores, mas os nossos alunos já não são os mesmos” (BELLONI, 2001, p. 27). Diante disso, é necessário repensar sobre o papel do professor frente aos novos desafios da tecnologia.

Para Lévy (2009, *apud* MAGNABOSCO, 1999)

O professor na era da cibercultura tem que ser um arquiteto cognitivo e engenheiro do conhecimento; deve ser um profissional que estimule a troca de conhecimentos entre os alunos; que desenvolva estratégias metodológicas que

os levem a construir um aprendizado contínuo, de forma autônoma e integrada e os habilitem, ainda, para a utilização crítica das tecnologias (LÈVY, p. 56).

A partir dessas considerações conclui-se que, atualmente, o papel do professor é estimular o interesse dos alunos pela escola, utilizando de maneira produtiva os recursos tecnológicos que a sociedade oferece. Diante disso, os PCN (2008), acrescentam que “a tecnologia é um instrumento capaz de aumentar a motivação dos alunos, se a sua utilização estiver inserida num ambiente de aprendizagem desafiador” (p. 157), pois, sabemos que fora do ambiente escolar a maior parte dos alunos faz uso da tecnologia, o desafio é aplicar esses recursos para o desenvolvimento da aprendizagem. Não basta utilizar as tecnologias na escola, elas precisam apresentar significado. A tecnologia por si só não torna a aula atracente e motivadora é imperioso que o professor saiba utilizar determinado recurso e saber qual o objetivo que pode ser alcançado a partir do seu uso.

Nesse contexto, a mediação e o conhecimento do professor tornam-se imprescindíveis, visto que, é ele que dá o direcionamento necessário para que haja a aprendizagem. Por outro lado, alguns professores ainda relutam em introduzir os recursos tecnológicos em suas aulas, seja por falta de domínio desses, seja pela valorização do tradicionalismo. Nessa perspectiva os PCN apresentam considerações importantes acerca da familiaridade do professor com os recursos tecnológicos mais básicos.

[...] é bastante comum os professores terem pouca familiaridade com computadores e não reconhecerem nos recursos mais tradicionais — televisão, rádio, [...] etc. — suas potencialidades como instrumentos para incrementar as situações de aprendizagem na escola. Esse fato muitas vezes determina práticas pouco inovadoras e explica algumas dificuldades na implantação de propostas incluindo a tecnologia na escola (PCN, 1998, p. 158).

Essa afirmativa reforça o fato de muitas vezes as tecnologias educacionais tornarem-se meras reprodutoras de aulas tradicionais, como exemplo, algumas vezes o retroprojetor torna-se um substituto do quadro negro, a televisão e o DVD, infelizmente, tornam-se apenas objetos para ocupar um espaço vago de uma aula. Tais situações não produzem conhecimentos e muito menos deixam as aulas interessantes.

O professor não precisa dominar todos os recursos tecnológicos, mas é necessário, sim, que ao utilizá-los saiba como ele pode ser explorado e quais os objetivos que podem ser alcançados por meio do seu uso. Nesse sentido, Moran (1994) ressalta:

Na sociedade da informação na qual vivemos, todos nós estamos aprendendo a conhecer, a comunicar, a ensinar e a aprender. A integração do humano com o tecnológico ocorre rapidamente, fazendo com que muito rapidamente se passe do livro para a televisão e vídeo e destes para o computador e a Internet. Precisamos conhecer as possibilidades que cada meio nos oferece para podermos tirar o máximo proveito deles como instrumento pedagógico (MORAN, 1994, p. 37).

Segundo o autor, as evoluções tecnológicas ocorrem de maneira muito rápida. O professor, por sua vez, não precisa acompanhar no mesmo ritmo todas essas inovações, mas é importante que ele busque conhecer algumas para que estas possam ser aplicadas de maneira proveitosa no desenvolvimento da aprendizagem.

Mediante ao descrito, nota-se que o professor não deixou de ter sua enorme relevância em sala de aula, e nem poderia, pois o seu papel de mediador em nenhum momento deve ser questionado. O professor ainda é o principal agente mediador entre o conhecimento e o aluno, a tecnologia é mais uma aliada e não uma determinante na produção do conhecimento. Por essa razão, o professor deve explorar os recursos que a tecnologia tem proporcionado e utilizá-los em prol da melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos, pois uma das finalidades mais importantes da escola é o conhecimento.

4. As ferramentas digitais a serviço do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita

A leitura e a escrita são as competências mais importantes que a escola deve desenvolver nos alunos. Contudo, situações que propiciem esse desenvolvimento tem encontrado algumas dificuldades para serem efetivadas, principalmente a partir da expansão das tecnologias digitais que cada vez mais influi na vida dos indivíduos. No campo didático-pedagógico essas tecnologias também ocupam seu espaço. Considerando que as novas tecnologias modificaram o modo de vida da sociedade, novos conceitos acerca da leitura e da escrita foram formulados e novas condições no ato de ler e de escrever foram introduzidas. Para Soares (2002):

A tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. (...) a hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecno-

logia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel (SOARES, 2002, p. 146).

Como visto, as necessidades de aprendizagem são mais abrangentes e envolvem outras competências referentes ao ensino e a aprendizagem. Voltados para o ensino de língua portuguesa o PCN do ensino médio (PCNEM) ressalva:

O ensino de língua portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho (BRASIL, 2002, p. 5).

Diante disso, o ensino e aprendizagem devem tornar-se mais significativos. O aluno precisa saber utilizar a linguagem nos diferentes ambientes que ele frequenta. Ela deve ser instrumento de comunicação e de construção do saber. Nesse sentido, autores como Marcuschi (2008) e Antunes (2009) consideram que o ensino da leitura e da escrita deve partir dos gêneros textuais. Para esses autores esse estudo deve partir de gêneros que fazem parte do cotidiano dos alunos, visto que, a leitura e a escrita devem fazer sentido, o indivíduo deve saber qual finalidade de cada um para posteriormente usá-lo fora do ambiente escolar.

Percebendo as mudanças recorrentes da revolução tecnológica Marcuschi (2002) assevera que os gêneros textuais também sofreram transformações no que se refere às tecnologias digitais.

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia digital são relativamente variados [...]. Muitos desses gêneros digitais são evoluções de outros já existentes nos suportes impressos (papel), ou em vídeos (Ex.: vídeos, fotografias). Porém essa tecnologia comunicativa verdadeiramente gerou novos gêneros (MARCUSCHI, 2002, p. 13).

Haja vista, a utilização das novas tecnologias mostra-se como ferramenta viável para desenvolver as competências necessárias ao ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Cabe nesse momento apresentar alguns gêneros digitais possíveis de serem explorados em sala de aula.

O primeiro a ser destacado é o chat. Esse é um gênero que se emergiu do cotidiano. Os chats são salas de bate-papo, na qual a conversa informal prevalece. As conversas são abertas e todos os usuários comu-

nicam-se simultaneamente. (ARAÚJO, 2005; MARCUSCHI, 2005; COSCARELLI, 2011). Pelo seu caráter informal, os participantes utilizam palavras do cotidiano e, geralmente, utilizam os termos da oralidade. Leal (2007) considera o bate-papo interessante para ser utilizado em sala de aula, mas desde que a conversa seja planejada, valorizando a norma culta da língua.

O *blog* é outro gênero possível de ser utilizado em práticas de leitura e de escrita. Os *blogs* possuem características e estruturas previamente definidas. As postagens são datadas e contém o horário e o nome do autor (MILLER, 2012). Analisando essas características podemos inferir que o *blog* é derivado do diário pessoal. Transportando esse gênero para a sala de aula, o professor pode utilizá-lo para solicitar aos alunos que escrevam sobre aulas dadas ou relatem leituras acerca de livros estudados nas aulas de língua portuguesa, entre outras estratégias.

Outro gênero digital disponível é o *e-mail*. Esse gênero é uma variação do gênero textual carta. O *e-mail* possui suas próprias características. Sua estrutura é dividida em um espaço pré-formatado que é preparado para o cabeçalho. A outra parte é constituída pelo corpo da mensagem (COSCARELLI, 2011, p. 222). Assim como na carta, o email precisa de um remetente e um destinatário. É possível que através desse gênero, o professor, aborde também a carta e a partir daí explore o gênero digital. É importante que os alunos conheçam esses dois gêneros para que possam perceber as semelhanças entre eles e ainda tenham a oportunidade de escrever uma carta a um destinatário real e trocar *e-mails* entre si, uma vez, que “trabalhar a partir das representações sociais facilita construir o ‘sentido’ das aprendizagens” (DOLZ *et al.*, 2011).

O fórum é outro gênero digital que pode ser explorado em sala de aula. Antes de migrarem para o computador, o fórum era conhecido como um gênero do discurso. Nesses fóruns são apresentadas situações e problemas a serem discutidos e solucionados (XAVIER & SANTOS, 2005). Em regra, as pessoas que participam dos fóruns precisam ter conhecimento acerca do conteúdo tratado, para que possa apresentar suas contribuições. Os temas são estabelecidos previamente e cada indivíduo realiza suas considerações. Em sala de aula, esse é um gênero que pode ser bastante proveitoso, pois o professor define o tema a ser discutido. A partir disso, é viável que o educador, aborde uma temática e posteriormente repasse a discussão para um fórum, elaborado por ele e para finalizar a discussão os alunos podem elaborar um texto escrito abordando o tema debatido.

Com a invasão da internet outra modalidade de texto surgiu, este, por sua vez, são os hipertextos. Apesar de serem recentes, os hipertextos tem fundamentos antigos em enciclopédias. (LAUFER & SCAVETTA, 1998, p. 8). O hipertexto é caracterizado como um texto virtual com *links* que remetem o leitor a outros textos (GOMES, 2011, p. 15). Esse novo modelo de texto vez surgir um novo modelo de leitor. Para Costa (2000), o leitor de hipertextos tem um diferente papel, “leitor-navegador não é um mero consumidor passivo, mas um produtor do texto que está lendo, um co-autor ativo, capaz de ligar os diferentes materiais disponíveis, escolhendo seu próprio itinerário de navegação”. (COSTA, 2000, p. 04)

A partir dessa afirmativa, é notável que o leitor que temos hoje é diferente daquele antes do surgimento da internet, logo, nossos alunos também são diferentes. Nessa perspectiva, o papel do professor ganha novos enfoques e distintos desafios são enfrentados. O importante é perceber que outras metodologias e outros recursos devem ser empregados para que o ensino de qualidade que almejamos seja alcançado e os alunos possam fazer uso desse conhecimento fora do ambiente escolar.

5. Considerações finais

Os estudos realizados demonstram que é viável trabalhar na sala de aula utilizando as novas tecnologias que vêm surgindo e se aperfeiçoando a cada dia. E que com elas, abre-se um grande leque de possibilidades de estudo da língua materna. Dessa forma, a competência leitora e o letramento podem ser alcançados, principalmente por ser algo que faz parte do cotidiano de nossos alunos, o que torna essa abordagem ainda mais simples e dinâmica.

As pesquisadoras envolvidas nessa pesquisa, não poderiam deixar de aqui também destacar a grande importância do papel do professor nesse contexto. Pois assume a responsabilidade de um importante mediador, uma vez que é ele quem vai proceder no ensino de cada um desses novos gêneros aqui sugeridos. Também porque as tecnologias por si só não possibilitam um caminho da aprendizagem. É necessário que haja didáticas e isso só quem possui é o professor. Assim se utilizando de técnicas, o docente pode fazer com que o aluno desperte sua competência leitora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

ARAÚJO, J. C. R. de. *A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Ensino médio: orientações educacionais complementares aos PCN na área de linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2002.

BELLONI, M. L. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 1999.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

COSTA, Sérgio R. *Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares*. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora: Edufjf, 2000.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FERRERO, Emilia. *Computador muda práticas de leitura e escrita*. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo>>. Acesso em: 4-11-2014.

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertexto no cotidiano escolar*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAUFER, Roger; SCAVETTA, Domenico. *Texto, hipertexto, hipermedia*. Trad.: Conceição Azevedo. Porto: Rés, 1998.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MILLER, Carolyn. Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs.). *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Universitária, 2012.

MORAN, José Manuel. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo. v. 07, p. 36- 49, jul./dez 1994.

SERRES, Michel. *Atlas*. Paris: Julliard, 1994.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade: Revista de Ciência e Educação*, Campinas, v. 23, p. 143-160, dez. 2002.

XAVIER, A. C.; SANTOS C. F. E-forum na Internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, J. C; BIASI-RODRIGUES B. (Orgs.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.